



MEMÓRIAS DE FREI SERVANDO TERESA DE MIER: o selvagem ilustrado desbrava as Terras do Velho Mundo

Ms. Carolina da Cunha Rocha
E-mail: carolrochah@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo visa compreender a realocação do ideário iluminista no contexto hispano-americano de formação dos estados nacionais independentes (séculos XVIII-XIX) tomando-se por base os trabalhos do frei dominicano mexicano Servando Teresa de Mier (1763-1827). Testemunha privilegiada que percorreu lugares de onde emanavam as ondas reformistas após ter sofrido pena de expatriação por oferecer explicação política ao milagre guadalupano, Mier aparece como típico representante *criollo*, cujo protagonismo alia conceitos da modernidade ilustrada, com seus ideais racionais e científicos, ao arcabouço cultural e espiritual vivido pelo México colonial. Este trabalho discute o conjunto documental do frei conhecido por *Memorias* por sua contribuição para a construção do estado mexicano independente, bem como para a formação da identidade nacional.

Palavras-chave: Estado nacional independente; memória; identidade; representação; Hispano-América.

ABSTRACT

This article aims at comprehending the changes which took place in the way of thinking in the Hispanic-American context of formation of the national independent states (XVIII-XIX), when Illuminism ideas reached the colonies, becoming the basis of Mexican priest Servando Teresa de Mier (1763-1827) ideas. For being privileged witness, wandering around places from where reforming forces were strong and after suffering expatriation for relating political reasons to Guadalupe's miracle, Mier appears as a typical representation of the *criollos*, which protagonism associates concepts of the illustrated modernity, with its rational and scientific ideals, to the Colonial Mexico cultural and spiritual background. This work discuss the boundaries of the work *Memorias* and his contribution to the establishment of the Mexican Independent State, as well as to the formation of a national identity.

Keywords: Independent National State; memory; identity; representation; Hispanic-America.

O processo autonomista da América espanhola foi iniciado na segunda metade do século XVIII, realizando-se tanto no aspecto econômico-social como no intelectual, impulsionado não só pelas ondas reformistas vindas da Europa, como pela independência dos Estados Unidos, estimulando-se mudanças nas estruturas do universo colonial. Com o começo da desintegração da velha sociedade colonial, a Hispano-América reagia com maior intensidade aos indícios espirituais, ideológicos e políticos de uma emancipação burguesa e nacional ocorridas em outras partes do mundo. Entretanto, a aplicação e compreensão de tais *corpi* de idéias no contexto hispano-americano variavam de acordo com os sentimentos e interesses locais e, obviamente, não seriam vividos de maneira uniforme em toda região, sendo tais ideais moldados com vista ao favorecimento daqueles que estivessem mais aptos a utilizar as tendências das reformas em seu favor. Além disso, a superficial modernidade não poderia ocultar as marcas deixadas pela tradição de poder na América espanhola. Em síntese, se a relação oficial mantida pela metrópole punha por terra essas diferenças e homogeneizava o tratamento dispensado às diferentes regiões, com a emancipação política, as colônias hispano-americanas passaram a ter seus meios peculiares de formular as idéias sustentadoras de sua libertação.

A emancipação do México insere-se nesse contexto de desenvolvimento histórico ocidental, assim como num específico processo emancipador hispano-americano. Ao se analisar em particular a situação da então Nova Espanha, pode-se inferir que as reformas eram temidas pela elite *criolla* em razão do seu caráter renovador. Queria-se a independência, desde que adequada aos valores tradicionais daqueles que ansiavam por maior poder. É sabido que o vice-reinado experimentou uma revolução política e social em 1810; tendo as figuras de Miguel Hidalgo y Costilla (1753–1811) e José Maria Morelos (1765–1815) como líderes do movimento de emancipação que contou com a participação de elementos das camadas mais populares, como índios e mestiços, porém que acabou sufocada em 1815, haja vista que os grupos dominantes ansiavam por uma independência de caráter conservador e fiel às tradições da cultura política da região.

Em meio aos anos de ebulição que conduziriam a Nova Espanha à autonomia, nasce em 18 de outubro de 1763, na cidade de Monterrey, José Servando de Santa Teresa de Mier Noriega y Guerra (1763–1827), um dos grandes idealizadores da independência mexicana. Escritor, político, historiador e religioso pertencente à ordem dos dominicanos, Mier foi o típico representante da alta estirpe *criolla*, porém, como ele ainda acrescentava, também descendia da nobreza indígena, era herdeiro de Cuauhtémoc, último soberano da cidade asteca de Tenochtitlán, vendo a si mesmo como síntese ideal na união do elemento europeu com o americano, fator esse que se refletia como emblema da construção da identidade americana no

período independente. Adentrar seu mundo alucinante¹, repleto de aventuras e desventuras, é desbravar não só a sua escrita passional e turbulenta, reflexo dos anos de agitação revolucionária, como também empreender uma viagem rumo ao nascimento das nações americanas, vistas por meio do prisma privilegiado de um ator social que esteve presente nos lugares e momentos que emanavam as ondas de modernidade não somente no âmbito socioeconômico, mas também na esfera comportamental e cultural.

Por frei Servando Teresa de Mier possuir uma vasta obra e trajetória política, este artigo deteve-se na análise do conjunto documental produzido pelo mexicano entre os anos de 1794 e 1882, o qual seus biógrafos compilaram sob o nome de *Memórias*. Almejou-se a compreensão dos documentos sob o prisma não apenas de literatura de viagem, pois carrega em si uma multiplicidade de gêneros literários, assim como caleidoscópica foi a obra de Mier, mas também procurou-se identificar em tais escritos elementos que seriam propagadores e incentivadores da incipiente noção de identidade americana. Em suas *Memórias*, o pensador mexicano expressou-se de maneira mais intimista, porém sem esquecer o tom heróico, recontando em tom confessional seus anos de peregrinação e aventuras no Velho Mundo após sua saída forçada do México, criando para si uma atmosfera quase mítica do herói americano que a tudo supera e sai fortalecido, mesmo depois de sofridos inúmeros padecimentos em nome da liberdade.

Memórias é exemplo vivo da luta infrutífera do americano para conquistar a honra e a liberdade nas terras metropolitanas e da luta pela justiça numa corte distante e impenetrável. Nesse sentido, torna-se um clássico da literatura americana às vésperas de passar pelo processo de independência, uma vez que Mier retrata a si mesmo como a personificação do americano idealizado, inocente, contudo perspicaz, que sofre inúmeros reveses, mas que se mantém nobre, fiel à pátria e às raízes americanas. *Memórias* enfoca ainda apenas o aspecto de literatura de viagem, visando estimular a construção de uma identidade americana. É pertinente, neste momento, realizar um estudo breve da vida e obra de tão peculiar pensador hispano-americano para melhor entendimento de seus apontes de viajante americano sobre o Velho Mundo.

¹ Tradução do título em português da obra do autor cubano Reinaldo Arenas. *El mundo alucinante* foi escrito na cidade de Havana no ano de 1965 e relata, em forma de romance surrealista, a vida de aventuras de frei Servando Teresa de Mier. Ver ARENAS, Reinaldo. *O mundo alucinante*. Tradução de: Carlos Nogué. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

Frei Servando Teresa de Mier – breve estudo de sua vida e obra

A história de vida de frei Servando Teresa de Mier, antes da pena de expatriação para a Europa e o contato direto com as idéias ilustradas, reflete o universo *criollo* de uma elite bem nascida. Aos 17 anos, Mier entra para a ordem de São Domingos na cidade do México, onde estuda Filosofia e ordena-se sacerdote. Em poucos anos de carreira sacerdotal, tornar-se-ia professor no convento principal da ordem, para, em 1790, aos 27 anos, ser agraciado com título de doutor em Teologia pela Real e Pontifícia Universidade do México. Já nesse período se tornara renomado como pregador ao ser escolhido para pronunciar a oração fúnebre em homenagem ao conquistador Hernán Cortez.

A *Voz de Prata*, como era chamado pela incrível habilidade de oratória, tem o rumo de sua existência alterado em 12 de dezembro de 1794, ao pronunciar o famoso e ousado Sermão Guadalupano, na Colegiata de Guadalupe, diante do vice-rei, o Marquês de Branciforte, e do arcebispo Alonso Nuñez de Haro. Mier tornou-se alvo da ira de políticos e religiosos ao ver o milagre da aparição de Nossa Senhora de Guadalupe em 1531 sob prisma político, erigindo uma teoria não original, porém apta a gerar escândalos e a motivar a inquisição a condená-lo à pena de expulsão para a Europa. Ao aliar a fé aos ideais racionalistas no Sermão Guadalupano de 1794, divulgando a idéia de um cristianismo autóctone ao dizer que Nossa Senhora e São Tomé estiveram nas Américas muito antes de Cristóvão Colombo sob os nomes dos deuses astecas Tonantzin e Quetzacoátl, frei Servando deixou transparecer em sua pregação os primeiros indícios de um questionamento mais profundo acerca da condição das colônias hispano-americanas. O mexicano, dessa maneira, incluiu não apenas a idéia de modernidade dentro do discurso teológico, como também visou à validação de objetivos políticos ao contestar o principal motivo da conquista espanhola sobre o Novo Mundo, a missão evangelizadora.

Nesse período conhecido por seus biógrafos como pré-independentista, Mier realçou os valores novo-hispânicos em rejeição aos metropolitanos, revestindo-se gradualmente do papel de questionador da ordem absolutista. Nisso consiste a grande valia da originalidade da escrita servandina que conciliou o patrimônio espiritual do México, profundamente arraigado à doutrina cristã da Igreja Católica Apostólica Romana, com idéias, conceitos e posturas impulsionados pelas novas vertentes político-sociais liberais e reformistas. Dessa maneira, tornou-se um *hombre de la pluma*, isto é, um dos mentores da independência mexicana, com o dever de orientar a nova pedagogia política ao incipiente estado mexicano em formação.

A pena de expatriação para a Espanha, em 1795, foi o estopim para o amadurecimento político e intelectual do mexicano, que passou a atuar como um porta-voz da

consciência americana no Velho Mundo. Sua estada forçada na Europa seria marcada por sucessivas fugas dos claustros aos quais Mier era confinado pela ação inquisitorial, o que lhe permitiu também vivenciar um período de peregrinação por países em efervescência política como Espanha, Portugal, Itália, mas, principalmente, França, Inglaterra e, posteriormente, os Estados Unidos, lugares decisivos para a história política da Hispano-América naquele período.

Em suas viagens e aventuras, Mier entrou em contato com grandes pensadores políticos e estabeleceu diálogos com personalidades de seu tempo, que pautariam suas atividades intelectuais, como por exemplo: o escritor espanhol Blanco White, na Inglaterra; o jurista espanhol Gaspar Melchor de Jovellanos; o pedagogo Simón Rodríguez, mestre de Simón Bolívar; o viajante prussiano Alexander von Humboldt; o jornalista brasileiro Hipólito José da Costa, dentre outros. Mencione-se ainda a destacada veneração que o dominicano nutria pelo pensamento pioneiro de seu confrade do século XVI, Bartolomé de Las Casas, que Mier exalta como exemplo de guia moral a ser seguido. Em boa parte de seus textos, Mier se atribui o dever de dar continuidade ao trabalho de Las Casas, sentindo pesar sobre seus ombros o dever de conduzir ideologicamente o povo mexicano no período de formação do estado nacional. Sua narrativa reproduzia a visão lascasiana de espanhóis-maus *versus* americanos-bons, substituindo o índio ultrajado pelos anos de dominação espanhola pelos *criollos*, herdeiros da mesma expiação gerada pela metrópole dominadora.

Esse dinamismo vital ocorrido em sua estada europeia o conduziria a um tipo de renovação interior que seria posto a serviço da luta anti-colonial. É isso o que se depreende das leituras das *Cartas de un americano al El Español*. Trata-se de duas cartas enviadas por Mier ao jornal *El Español* de Joseph Blanco White, entre os anos de 1811 e 1812, que demonstram claramente uma fase de transição entre a assimilação clara das inovações teórico-políticas no discurso servandino, em que o frei traz à tona o arcabouço de mágoas e diferenças entre americanos e espanhóis, não se podendo mais falar em fidelidade a Fernando VII ou numa autonomia relativa.

Nos anos que sucedem as batalhas de insurgência na América Hispânica, Mier já havia percorrido Espanha, Itália, França e se encontrava em terras londrinas. Surgindo assim, no cenário político, a figura de um Mier de idéias amadurecidas, um ativista político exilado no Velho Mundo, tornando-se uma espécie de tradutor da realidade política de seu próprio país com o dever de ensinar a pedagogia política para o Estado que se formava. É desse período a sua obra clássica *Historia de la Revolución de Nueva España* (HRNE) (1813), trabalho em que o mexicano utiliza a ciência histórica como arma política para a legitimação da autonomia hispano-americana. HRNE torna-se a obra de grande relevância historiográfica dentre os escritos

revolucionários do período não apenas por ser reconhecidamente o primeiro trabalho sobre a história de revolução da independência da Nova Espanha, como também por servir de panfleto para convencimento dos leitores europeus da necessidade de libertação política e administrativa das Américas e não meramente de sua própria terra natal.

Após finalizar a HRNE, Mier trava conhecimento com o jovem militar espanhol Francisco Javier Mina (1789–1817), que havia combatido pelo exército da Espanha contra a invasão de Napoleão e que formaria várias milícias não oficiais para lograr a independência da Espanha e, conseqüentemente, das Américas. Frei Servando é convencido a retornar ao México, em 1817, na expedição do espanhol que tomaria o controle da cidade de Soto la Marina. Contudo, a empreitada fracassa e Mier vê-se novamente aprisionado nos cárceres da inquisição.

Nesse período de sofreguidão em que se veria preso entre os anos de 1817 ao ano de 1820, frei Servando debruçou-se em seus escritos com grande intensidade e criou textos essenciais para a compreensão de seu corpo de idéias. Entre as principais criações constam a *Apología, Relación de lo sucedido en Europa hasta octubre de 1805* e *Manifiesto Apologético*, textos que compõem suas *Memórias*. Tais trabalhos são importantes fontes primárias para história das idéias no contexto hispano-americano por evidenciar não apenas as inquietações do pensador mexicano em relação ao futuro do processo de independência de seu país, como também por servir de emblema para a construção da identidade mexicana nas questões referentes à preservação das raízes indígenas e como clara oposição ao legado político, social e cultural deixado pelos anos de dominação espanhola.

Com a independência do México em 1822, frei Servando finalmente conseguiu retornar à pátria após anos de exílio e prisões e assumiu o lugar no Congresso Nacional mexicano como deputado pela província de Novo Leão, sua terra natal. Contudo, Mier permaneceria no posto de árduo crítico da política estabelecida com a independência proposta pelo império de Agustín de Iturbide, buscando soluções adequadas à realidade do país. O pensador acreditava que nem todas as inovações em matéria de organização de Estado poderiam ser aplicadas a um México tão profundamente dividido entre grupos de poderosos que disputavam a liderança política e administrativa da novel nação.

Em 1827, frei Servando se despede da vida como ancião ilustre, respeitado pedagogo e visionário da independência. Todavia, nem mesmo a morte pôde frear a liberdade a que seu espírito estava atrelado. Se ao longo da sua existência lutou irremediavelmente tanto pela libertação da América, como por se ver livre dos cárceres das prisões em que foi jogado e da ignorância e irracionalidade de que se via circundado, a exumação do seu cadáver em 1846 o

levou a percorrer novamente as paisagens retratadas em suas *Memórias*, sendo que o paradeiro de seus restos mortais permanece até os dias atuais desconhecido.

Memórias servandinas e a literatura de independência:

O conjunto documental conhecido como *Memórias* traz consigo múltiplas possibilidades de qualificação: escrita laudatória de suas ações, propaganda da independência e das luzes americanas, diário de viagem, auto de defesa, literatura de aventuras cavalheirescas em estilo medieval, entre outras possíveis. A edição que permaneceu célebre até os dias atuais é uma compilação de textos realizada pelo renomado romancista mexicano Manuel Payno² (1810 - 1894), intitulada *Memórias*. O trabalho de compilação feito por José Eleutério González (1813 - 1888) serviria como fonte primária para inúmeros estudiosos que se dedicaram à investigação histórica da vida do frei mexicano, como foi o caso de Antonio Castro Leal (edição que utiliza este artigo) e Alfonso Reyes, que lançou sua própria edição das memórias pela Biblioteca Ayacucho, em Madri, no ano de 1917.

A historiografia elaborada por contemporâneos de frei Servando ora entendia o conjunto de suas *Memorias* como o testemunho de um homem de ação e enfocava a construção do sujeito principalmente ressaltando-se suas aventuras, façanhas escapistas e repercussões das ações empreendidas pelo mexicano, ora o descrevia como um louco com larga tendência à fantasia, cujos escritos deveriam ser lidos risonhamente. Entretanto, é preciso levar em apreciação o fato de que tal conjunto documental teria por principal função legitimar a escrita insurgente, ou mais do que isso, seus esforços se dirigiam para a construção de um sentimento de pertença que fosse apto a contribuir para o enraizamento da identidade nacional em formação. Nesse sentido, mais que uma literatura de entretenimento, *Memorias* carrega consigo uma parcela de responsabilidade acerca da memória coletiva no que diz respeito à elaboração da idéia de unidade e de legitimação do estado nacional mexicano em formação.

É de grande valia ressaltar a opinião de Alfonso Reyes acerca das *Memorias* servandinas, entendendo-as como um dos capítulos mais inteligentes e curiosos da literatura americana. Para Reyes, era natural que suas memórias fossem escritas com certa paixão, mais se parecendo com caricaturas que com o retrato de uma época, por isso permitindo que se percebessem os vícios fundamentais da sociedade em que viveu. Portanto, pode-se entender

² Manuel Payno é considerado o precursor do romantismo mexicano com o folhetim intitulado *El pistol del diablo* (1845 - 1846), sendo sua obra mais importante *Los bandidos de Río Frío* (1889 - 1891), em que recria o México independente da primeira metade do século XIX, aproximando-se da escrita naturalista.

Memorias como um escrito em que frei Servando Teresa de Mier desnuda suas emoções e percorre novamente o caminho de suas aventuras revelando em diferentes nuances as impressões dos lugares que percorreu e as experiências pessoais vividas, livres de rigores formalísticos, pintando com ampla desenvoltura o quadro sócio-político e cultural da Europa, mais detalhadamente a Espanha. Nesse sentido, tal conjunto de documentos traz consigo um conteúdo de grande riqueza para o contexto da independência hispano-americana e, em especial, para a História das Idéias mexicanas, sendo as categorias históricas **memória, identidade e representação** o instrumental primordial para uma melhor abordagem historiográfica diante da natureza deste escrito servandino.

O selvagem ilustrado chega ao Velho Mundo:

Este artigo passa a abordar, a partir de então, as principais impressões de Mier sobre os lugares do Velho Mundo que percorreu, ressaltando-se a intenção do pensador de exaltar a bravura e os valores americanos, ao mesmo tempo em que passava a desmistificar a idéia de uma Europa avançada e civilizada, com especial menosprezo em relação às terras espanholas. Como uma de suas primeiras descrições ao chegar à Espanha após a pena de exílio está o relato sobre os claustros em que ficou recluso, Mier exagera o seu padecimento ao dizer que seu suplício era tamanho por viver em meio a ratazanas tão grandes que teriam comido seu chapéu, passando a dormir armado de um pau para que não comessem a ele próprio.

A primeira fuga de frei Servando seguiu-se à descoberta de que toda sua correspondência era violada pelo prior da clausura. Seguindo os conselhos de Jesus Cristo, *cum percuti fuerint vos in hac civitate, fugite in aliam*, o mexicano fugiu pela janela, deixando apenas um poema que expressava as justificativas de seu ato. Mier foi recapturado e transferido para o monastério de Burgos, causando espanto em sua chegada porque os monges não esperavam ver um homem tão frágil após terem ouvido boatos de que ele era o frei que havia feito pacto com o diabo e conseguido assim levantar uma janela de chumbo em sua fuga.

Transferido posteriormente para Cádiz e entrando em contato com a realidade encontrada nos gabinetes da corte, todas as críticas de Frei Servando passam a ser destinadas aos *covachuelos*³, figuras sempre presentes em seus escritos, pois, em sua opinião, a Espanha era

³ Expressão do século XVIII usada para designar a classe de burocratas, conselheiros e agentes das cortes, com atributos políticos e administrativos, que intermediavam e se interpunham na relação direta entre rei e súditos. Eles eram chamados de *covachuelos* por suas secretarias serem localizadas nas covas (*covachas*) e reentrâncias do palácio real.

governada somente por eles. O mexicano alerta seus compatriotas acerca da impossibilidade de confiar nas cortes e nos tribunais em razão da venalidade e das intrigas realizadas pelos burocratas, revelando a inexistência de uma via direta recursal com o rei. Sobre os *covachuelos* o dominicano é sucinto em seu julgamento: “Unos son ignorantes, otros muy hábiles; unos, hombres de bien y cristianos; otros, pícaros y hasta ateístas. En general, son viciosos, corrompidos, llenos de concubinas y deudas, porque los sueldos son muy cortos. Así, es notoria su venalidad” (MIER, 1946, p.25).

Frei Servando utiliza sua pena para descrever toda a estrutura de poder e de atuação dos burocratas, que possuíam influência suficiente para filtrar as informações que chegariam ou não às mãos do rei. Além disso, todos os recursos e as decisões proferidas deveriam passar pelo crivo de tais homens da corte a quem cabia decidir o futuro de cada cidadão que demandasse o posicionamento real em alguma lide. O rei não sabia o que assinava e o povo não obedecia diretamente às vontades do monarca, sendo muito raramente descoberta a falcatrua de algum *covachuelo*. Mier passa a descrever todo o andamento dos conselhos e das câmaras de justiça, a atuação dos agentes do governo, camaristas e lobistas, sendo este escrito servandino de alta importância para a contextualização do universo político das Cortes espanholas no tempo de Carlos IV, descrevendo-as como foco das paixões, o teatro das intrigas e a reunião dos malévolos.

As agruras da fuga para a França revelam passagens curiosas. Frei Servando somente podia fazer o percurso após o pôr-do-sol, por exemplo, para não chamar a atenção dos transeuntes ao longo do dia. Nesse ínterim, as autoridades espanholas haviam espalhado requisitórias em todo o reino nas quais o descreviam como afável e risonho, embora sofresse as agruras do processo judicial. Recomendado por conhecidos a um contrabandista francês, responsável por auxiliar pessoas que não possuíam passaporte para chegar do outro lado da fronteira, Mier assumiu um disfarce e recebeu os documentos de um médico falecido. Em suas palavras:

En efecto: me transformaron diabólicamente, hasta ponerme con piedra infernal un lunar sobre la nariz y otro sobre el labio superior. No me habría conocido la madre que me parió. Y con todo, respecto de que León decía en la requisitoria que era bien parecido, risueño y afable, me exhortaron a ponerme taciturno, triste y feo. Por eso, yo en divisando guardias, torcía los morros, y me ponía bizco, y ejecutaba a la letra el último grito del ejercicio portugués ‘poner las caras feroces a los enemigos (MIER, 1946, p.244).

Mier alcançou a fronteira e chegou à cidade Baiona na sexta-feira da paixão de 1801. Cabe enfatizar que suas *Memorias* foram quase sempre datadas de acordo com os dias santos,

talvez não por coincidência, mas também para ressaltar seu martírio sagrado em prol da liberdade da pátria mexicana. Segundo seu relato, uma casualidade do destino o fez adentrar numa sinagoga de judeus, quase todos espanhóis de origem, que rezavam os Salmos em castelhano e conservavam os costumes da Espanha. Foi justamente no domingo de Páscoa, diante da pregação de um rabino que afirmava não ter vindo ainda o Messias ao mundo, que frei Servando iniciaria uma das mais interessantes passagens de suas aventuras. No entendimento do crítico literário mexicano Christopher Dominguez, a cena retrata um sacerdote dedicado e fiel, convertido em São Paulo picaresco, curioso e erudito na sabedoria bíblica, que refletia a herança medieval da Nova Espanha (DOMINGUÉZ, 1999, p.11).

O mexicano teria contradito em todos os momentos os argumentos do rabino e com isso foi desafiado a uma disputa pública. Sua demonstração sobre as verdades contidas no Evangelho teria sido tão apaixonada que, convencida por suas palavras, a comunidade judaica teria não só reconhecido a existência do Messias em Jesus, como até mesmo oferecido ao sacerdote uma jovem bela e rica em matrimônio. Frei Servando disserta que, embora tenha recusado a oferta, desde o dia do grande debate teria ficado com tanto crédito entre a comunidade judaica que não apenas o chamavam de *Jajá*, designação hebraica para os sábios, como era o primeiro convidado para todas as funções, além de ser a pessoa a quem os rabinos vinham consultar no momento em que preparavam seus sermões.

O interesse de frei Servando pelos judeus era de ordem missionária: amá-los para convertê-los. É provável, contudo, que o sacerdote jamais tenha convertido judeu algum, pois a Igreja católica certamente teria documentado semelhante engenho. Dominguez acrescenta que o mexicano tenha visto os judeus como amigos cuja religião não aprovava, mas respeitava, sendo responsável por reintegrar a figura do judeu na literatura hispânica de maneira honrosa, mostrando-os como hospitaleiros e gentis ao acolherem um viajante solitário (DOMINGUÉZ, 1999, p. 16).

Ao chegar a Paris, o primeiro intuito de frei Servando seria o de contatar as pessoas a quem foi recomendado para que o ajudassem em seu franco desamparo. Foi nesse período que o dominicano conheceu Simón Rodríguez, com quem dividiria um quarto e receberia o incentivo, segundo o mexicano, a juntos abrirem uma escola de língua espanhola. Todavia, a amizade com Rodríguez é lembrada de maneira amarga, uma vez que o frei afirma ter traduzido o poema *Atala* de François René Chateaubriand, porém Rodríguez teria levado os créditos pela tradução para o Espanhol.

As memórias de Mier seguem novo rumo quando recebeu de um vigário parisiense a cura da igreja de São Tomé, em meio à escassez de sacerdotes vivida pela França no momento.

Frei Servando inicia um longo relato sobre a situação da Igreja católica francesa, demonstrando que, se antes da revolução havia cerca de cinqüenta paróquias em Paris, após os períodos de turbulência política restavam apenas doze. Mier revela que sua igreja no centro de Paris vivia cheia porque permitia a entrada de fiéis constitucionais, já que não acreditava que seus ministros estavam excomungados. Segundo o frei, “la religión toda es política, me decía un jesuita en Roma; ellos lo saben bien y es un dolor que se mezcle tanta cábala e intriga” (MIER, 1946, p.47).

Sobre sua estada na capital francesa, Mier relembra também o fato de ter sido o único americano que teve a honra de ocupar o lugar de correspondente da cátedra de História no restabelecido Instituto Nacional. Acerca do cotidiano na capital francesa, o frei realiza uma espécie de passeio fictício no cenário parisiense, descrevendo a moda usada pelas mulheres e seus cortes de cabelo, estranhando tanta variação nos penteados. O mexicano deleita-se com os cafés, os espetáculos, os teatros, as bibliotecas e com o circuito ao redor do Palais Royal, onde se poderia ter todo o necessário para a vida, o luxo e a diversão. Diante de uma paisagem tão oposta à de sua terra natal, frei Servando expressa claramente a distância cultural de seu país de origem e a herança deixada pela Espanha, entendendo-a como povo de bárbaros, repleto de salteadores, cuja realidade se opunha ao resto vivido pela Europa.

Com a ajuda do ministro da Espanha em Roma, Vargas Laguna, frei Servando partiu da França, em 1802, com o objetivo de obter a secularização. O mexicano enfatiza o fato de que empreendeu uma viagem de longa distância com apenas uma *onza de oro* e ressalta que vir de terras tão distantes lhe dava grande prestígio, do que soube tirar proveito admirável, e relata:

Tenía la fortuna de que mi figura, todavía, en la flor de mi edad, atraía a mi favor los hombres y las mujeres; el de ser de un país tan distante como México me daba una especie de ser mitológico, que excitaba la curiosidad y llamaba la atención; mi genio festivo, candoroso y abierto me conciliaba los ánimos y en oyéndome hablar, para lo que yo procuraba comer en mesa redonda, todos eran mis amigos y nadie podía persuadirse que un hombre de mi instrucción y educación fuese un hombre ordinario (MIER, 1946, p. 61).

Ao contrário da França, frei Servando possuía péssima imagem dos italianos e do país, pois além do mau cheiro e do calor excessivo, ele entendia Roma como lugar da perfídia e do engano, do veneno, do assassinato e do roubo, onde era preciso estar atento com os cinco sentidos, haja vista que a língua italiana era cheia de cortesias e exageros, todos eram chamados por ilustríssima ou vossa excelência, buscando-se disfarçar a mentira que se infligia. Mier se impressiona também com o fato de que, assim como na França, também em terras napolitanas, os espanhóis eram vistos como bárbaros, e qualificar alguém como espanhol era sinônimo de

xingamento, alertando que ouviria o mesmo em sua estada na Inglaterra e nos Estados Unidos. O mexicano traz à tona o fato de que os ex-jesuítas expulsos da América Hispânica que viviam em Roma tinham enorme trabalho em defender os americanos contra a comum associação realizada entre eles e os espanhóis. *Memorias* salienta o espanto de Frei Servando com a total ignorância européia sobre os americanos, pois, quando se apresentava como originário da América, muitos se admiravam por não ser negro ou o chamavam de índio, enquanto outros pediam notícias de fulano ou sicrano que havia cruzado o oceano, acreditando que as terras americanas fossem tão pequenas quanto a Europa.

Como na França, Mier destrincha todo o rito litúrgico realizado pelo papa e critica a idéia de infalibilidade do papa, acreditando não serem as bulas infalíveis em razão da política interna que corria por trás de qualquer decisão papal. Sobre os tipos físicos encontrados na Itália, Frei Servando alega que os homens italianos pareceriam muito com os espanhóis, mas estes últimos se distinguiriam apenas pelo ar orgulhoso e feroz, marca que os diferenciaria do resto dos europeus. No entendimento do dominicano, poder-se-ia reduzir Roma a prostitutas, a ciganos, a mendigos e *castrati* como exemplo de exploradores numa terra preocupada apenas em lucrar e corromper os forasteiros que pra lá se dirigiam.

Uma interessante passagem relatada pelo mexicano foi a sua visita ao Jardim Botânico de Florença, onde encontrou a planta *maguey*, conhecida na Europa por agave, sendo as alterações onomásticas muito comuns, dando-se o mesmo com o chocolate, conhecido por *teobroma*, ou bebida dos deuses. Passa a descrever com certo entusiasmo a história do cacau e do chocolate, reforçando sua origem americana. Acerca das reações provocadas pelo chocolate, o frei diz:

Está demostrado que es el mejor nutritivo que tiene la naturaleza y que sustenta más una onza de chocolate que dos de carne. [...] Los franceses pierden la cabeza del gusto que han tomado al chocolate, de que han hecho mil composiciones con nombres griegos. Los italianos le han compuesto mil canciones. El chocolate forma sus delicias y siempre convidan por gran regalo a tomar la *ciocolatta*. (MIER, 1946, p.127).

A volta à Espanha surge como passagem apta a gerar maiores estudos, pela razão de que frei Servando Teresa de Mier procurou ilustrar um panorama da península de acordo com a visão de um americano que, ao invés de exaltar a grandiosidade e glória da pátria-mãe, buscou criar sua própria **lenda negra da Espanha** acerca das terras espanholas e seus habitantes. Com a revolução científica e a ascensão do racionalismo, o século XVIII viu-se ascender a um novo ideal de civilidade baseado em pesquisas com base nas ciências naturais, expedições, dados

estatísticos, colheita de testes e mecanismos de prova que foi responsável pela criação de um gênero literário que esquadriharia não apenas o globo terrestre, como aos seus seres vivos, atribuindo-lhes taxações, definições e conceitos que por muito tempo far-se-iam presentes nas estantes de qualquer biblioteca do planeta.

Muitos dos estudos sobre a América e os americanos caracterizaram-se por taxações pejorativas e discriminatórias, passando-se a constituir o que se chamou a **lenda negra americana**. Ao lado de Georges-Marie Leclerc, o conde de Buffon (1707 – 1788), um dos maiores expoentes dessa literatura, estava o padre e filósofo prussiano Cornelius de Pauw (1739 – 1799), que a serviço de Frederico II, o grande, publicou a obra *Recherches philosophiques sur les Américains* ou *Mémoires intéressantes pour servir à l'histoire de l'espèce humaine*, em 1768, em Berlim. O radicalismo de De Pauw faz enxergar o americano como um degenerado completo cujo determinismo climático exercia poder decisivo sobre o caráter dos homens, as leis e os costumes das nações. Idéias tão bem recebidas na Europa que ensejaram a publicação de sua obra em várias edições e cuja influência foi sentida na historiografia do período.

Ainda que Mier tenha inúmeras vezes criticado o trabalho de De Pauw, o mexicano utiliza-se dos mesmos recursos que o prussiano para descrever aquilo que considerou ser a verdadeira face do reino espanhol, expondo assim um amplo panorama de misérias das cidades que percorreu. A descrição minuciosa do país feita pelo dominicano põe em relevo a escassez de terras para cultivo num lugar onde as estações eram sucedidas por mortes repentinas devido às viroses e às enfermidades cruéis que deixavam cegos e aleijados no caminho. Não havia indústrias nem fábricas, nem braços para trabalhar e por isso as pessoas se vestiam com panos rústicos que expressavam a rudeza de seus costumes. A responsável pela pobreza da Espanha era, segundo o frei, a América, pois, seguindo os cálculos do viajante Alexander von Humboldt, o continente americano havia derramado muito ouro na península e, com isso, ela teria empobrecido suas forças de sustentação interna.

Acerca dos diferentes tipos físicos e étnicos na Espanha, frei Servando afirma que, embora houvesse grande diversidade cultural, o único aspecto comum a todos era o fato de serem orgulhosos e violentos, bem como ignorantes, folgados, preguiçosos e supersticiosos. Para o mexicano, os catalães eram os mais feios de todos os espanhóis. Segundo ele, a palavra *Cataluña* era derivação de *Gollandia*, “terra de godos”, o que explicaria a origem da fisionomia de traços grosseiros e também o fato de não ter encontrado nenhuma mulher realmente bela em Barcelona. Não faltariam à Catalunha pessoas com títulos de nobreza, mas ao invés de serem ricos, eram miseráveis e poucos tinham o que comer. Tais nobres eram os únicos que descendiam das casas

reais da antiguidade e de solar conhecido, ao passo que os enobrecidos, ou seja, os que compraram seus títulos, podiam ser encontrados aos milhares.

A viagem servandina chega a Aragão. Para Mier, a razão de saber que se havia chegado a essa cidade dava-se pelo encontro de homens pequenos e feios, semelhantes a ratos, e que a cada frase pronunciada eram adicionadas palavras grosseiras, mostrando-se a terra aragonesa árida e infecunda. De Aragão, Mier prosseguiu até Castela, onde o mexicano se assusta com o vestuário usado, pois os naturais da região levavam um gorro pontiagudo do tipo com que eram representados todos os bruxos na Europa. Em Castela encontrar-se-ia pão e vinho e nada mais. Havia falta de comércio em razão da distância dos portos, dando espaço para a miséria e a imundície.

Em sua entrada em Madri faz questão de ressaltar que, ao contrário das outras capitais européias, as cercanias dos portões de entrada da cidade eram povoadas pelas pessoas mais miseráveis e por lugares em ruínas. Mier faz questão de exagerar certos aspectos, como por exemplo, ao dizer que eram todos os madrilenhos frutos de uma raça degenerada. Como um quadro de Goya, o frei relata:

Hombres e mujeres de Madri parecen enanos, y me llevé grandes chascos jugueteando a veces con alguna niña que yo creía ser de ocho o nueve años, y salíamos con que tenía sus dieciséis. En general se dice que los hijos de Madrid son cabezones, chiquititos, farfullones, culoncitos, fundadores de rosarios y herederos de presidios (MIER, 1946, p.160).

Em Madri, utilizavam-se largamente termos grosseiros para dar nomes às ruas e para chamar as pessoas. Mier inverte o discurso do preconceito e resume:

Esta es la gente natural del país, gente sin educación, insolente, jaquetona y, en una palabra, españoles al natural, que con su navaja o con piedras despachan a uno, si es menester, después de mil desvergüenzas. Son los majos, los valentones y chulitos de a pie de la mujeres como ellos, y tan desvergonzadas como ellos, entre las cuales se cuentan todas las fruteras y remendonas (MIER, 1946, p.161).

Tamanha desordem social era refletida no ordenamento jurídico-administrativo da Coroa espanhola. O frei expõe a venalidade e a corrupção que se apoderavam das estruturas institucionais que sustentavam a monarquia. Soma-se a isso o fato de que todos os poderosos da Espanha podiam ser encontrados em Madri. Para o mexicano, eles apenas eram os homens mais ignorantes do país, responsáveis pela corrupção de jovens, por sustentar o despotismo de Carlos V e seus sucessores e por se apoderar das riquezas da América. Mier passa a narrar os motivos dos vícios e seus efeitos sobre a política do país, como os casamentos arranjados, as caçadas, as festas do rei e seu retiro nos palácios que demonstravam não apenas as mazelas da alta sociedade, como deles se poderiam gerar políticas não viáveis para o país e para o povo.

No seu passeio por Madri, o frei ressalta a desordem e a sinuosidade das ruas, assim como pouco valia descrever os templos, os conselhos e o palácio real, por estarem abandonados ou em estado lastimável. Contudo, Mier reconhece que havia na capital uma grande quantidade de intelectuais que viviam escondidos em razão da política real. O mexicano critica os padres espanhóis como bárbaros, cujas pregações não se igualavam nem em matéria nem em qualidade às do seu país. Em sua opinião, o clima madrilenho era feito de extremos, onde se poderia reduzir a oito meses de inverno e quatro de inferno. Mier não encontra nada de particular no passeio do Museu do Prado e condena as touradas como diversão bárbara, concluindo que “el pueblo de Madrid no pide más que pan y toros” (MIER, 1946, p.190). Na opinião do mexicano, tudo o que tinha presenciado na capital da monarquia espanhola era *mondongo* que, em jargão popular, queria dizer grosseria, vulgaridade ou baixeza.

Após seu retorno às terras espanholas, Mier viu-se novamente perseguido pelas autoridades, sendo novamente capturado e levado à prisão pública sob suspeita de conspiração. Ao final de janeiro de 1804, foi decretada uma ordem real para que frei Servando fosse transferido para a casa dos Toríbios, em Sevilha. Essa antiga casa de correição de jovens delinqüentes era considerada a instituição mais bárbara da Espanha. O mexicano conta que foi conduzido à prisão em uma das torres, algemado e posto preso a uma barra de ferro. Para espanto do responsável pela casa de correição, tendo-se passado vários dias no isolamento, ao invés de encontrar o dominicano triste e cabisbaixo, o frei denotava visível alegria. O frei justifica seu comportamento em dizer que todos os santos e Jesus Cristo padeceram da mesma infâmia, mas se tornaram símbolos de virtude e mérito diante da iniquidade do mundo. Suas *Memorias* recontam a tentativa de fuga em que escavou uma parede com apenas um prego e a triste retirada de um gato que lhe fazia companhia na cela, o que o leva ao desabafo ao dizer “yo nací para amar, y es tal mi sensibilidad, que he de amar algo para vivir” (MIER, 1946, p. 241).

Não havia alternativa a não ser uma nova fuga em direção a Cádiz, onde se torna testemunha da batalha de Trafalgar. A partir desse momento, *Memorias* apresenta uma grande lacuna acerca dos anos vividos em Portugal e na Inglaterra. Mier narra apenas os eventos que lhe permitiram sua ida de Londres para os Estados Unidos ao lado do militar espanhol Francisco Javier Mina e depois o fracasso da tomada da cidade de Soto la Marina, já em terras mexicanas. Novamente Mier é preso e obrigado a percorrer, na idade de cinquenta e dois anos, longas distâncias em cima de uma mula até chegar à cidade do México, para onde havia sido enviado.

O caminho representou sua *via crucis* pessoal, pois mesmo acometido por uma violenta febre, frei Servando era ameaçado a todo instante de fuzilamento pelos guardas que o escoltavam que também escarneciam sua condição de americano e clérigo. A trajetória

percorrida era ainda mais perigosa, pois era preciso passar por rios caudalosos, florestas e precipícios, alternando-se o clima entre tempestades, calor excessivo e nevoeiros. Como maior consequência de sua viagem, foi o tombo que Mier sofreu após montar um cavalo arisco, machucando gravemente seu braço direito, que não voltaria a se recuperar. Às oito horas da noite do dia 13 de agosto de 1817, o frei foi entregue ao tribunal da Inquisição no momento da chegada à Cidade do México, e o restante de suas *Memórias* passa a discorrer sobre seu processo judicial e os padecimentos nos tribunais inquisitoriais.

A importância de *Memórias* para História da América:

É comum nos almanaques de história se encontrar a figura do viajante europeu que desbravou terras inóspitas em busca de material de estudo para pesquisa e catalogação daquilo que lhe era desconhecido. No caso de Mier, as regras do jogo foram todas invertidas. Pois foi ele, o selvagem ilustrado, que se tornou o viajante a vagar pelas ruas milenares do Velho Mundo e a descobrir um espaço intelectual propício para que tudo aquilo que se plantasse, no nível das idéias, viesse a ser colhido. Nesse sentido, ao mexicano cabia enxergar a Europa com olhos de assombro e largo desgosto. Sua posição privilegiada de viajante americano em terras européias, responsável por repassar o que via aos conterrâneos, permitiu-lhe tecer um cenário de exotismo às avessas, vendo ao europeu, em especial aos espanhóis, como seres degenerados, homens bestializados que habitavam terras assombradas pela seca, pela miséria e pela morte. Seu objetivo era ensejar no americano o orgulho de pertencer a uma região abundante e rica, que produzia indivíduos igualmente prósperos e brilhantes, sobre quem pairava um futuro promissor de glórias e fartura.

Cabe ainda ressaltar o entendimento do historiador mexicano Victor Barrera Enderle no que se refere aos universos em que gira sua palavra escrita. *Memórias*, portanto, configura dois mundos por onde Mier se movimentaria: no universo da escrita ele seria um sábio, um especialista, sendo respaldado pela tradição gráfica; e no plano da oralidade, que abarca as relações cotidianas, o frei se descreve como inocente (ENDERLE, 2001, p.2). Ou seja, se em busca de justiça para a defesa de sua liberdade e da pátria natal o mexicano demonstra toda a sua verve literária embasada em leituras e conhecimento intelectual, no momento vivido de perseguições e embustes ele se auto-retrata como puro, retraído e desconhecedor das maldades humanas.

Outra observação a ser mais detidamente explorada se dá pelo fato de que o surgimento de novos elementos sociais nas estruturas em que antes se sustentavam o Antigo Regime traziam consigo novas exigências acerca da compreensão do passado, buscando-se nele

elementos de legitimidade que justificassem a instauração de um novo tipo ou de uma forma remodelada de poder com suas próprias concepções culturais e simbólicas. Exemplo disso são os *criollos* no caso do universo da Hispano-América. Essas formações sociais ensejariam reinvenções do passado, aptas a enraizar as novas memórias em construção, tendência essa que alcançaria seu apogeu ao longo do século XIX, período em que se assistiu ao processo de formação de um novo conceito de nação baseado no reconhecimento de uma identidade coletiva de cunho geopolítico, freqüentemente associada a conceitos como língua, cultura, religião e etnia.

É fundamental observar o papel das representações na criação de tais identidades. As representações expressariam as idéias e sentimentos dos grupos ou indivíduos que as forjam, dando uma definição específica do objeto por elas representado. Pela compreensão de Denise Jodelet, essas definições partilhadas pelos membros de um mesmo grupo seriam aptas a construir uma visão consensual da realidade válida para esse grupo em específico, que, por sua vez, poderia vir a entrar em conflito com a de outros grupos, demonstrando-se as funções dinâmicas das representações sociais (JODELET, 2001, p.21). Jodelet acredita que nada impediria que tais representações assumissem finalidades políticas, culturais e sociais prontas a formular sistemas e teorias espontâneas, versões da realidade encarnadas por imagens ou condensadas por palavras, umas e outras carregadas de significações. A construção da identidade seria, portanto, marcadamente relacional, baseada na exclusão, na escolha de símbolos e no desejo de diferenciação, buscando no outro elementos para a autocompreensão.

Mais do que entender os espanhóis como *mondongos*, isto é, homens brutos, grosseiros, preguiçosos e ignorantes, é preciso observar que Frei Servando traça paralelamente a visão do americano em oposição completa a tais idéias. Americano ilustre ou *criollo* brilhante não seriam, portanto, termos meramente utilizados por Mier em tom de vaidade para definir a si mesmo. Eles também podem ser considerados emblemas das qualidades do homem oriundo das Américas. O sacerdote mexicano coloca-se exposto nas vitrines européias como protótipo do verdadeiro caráter americano, permeado de candura natural, ingenuidade, piedade, porém também arguto e nobre, guerreiro e defensor da justiça ainda que vítima implacável dos algozes espanhóis.

A saga de perseguições e iniquidades projetadas na vida de Mier surgiria como metáfora para o entendimento da história da conquista e destruição das Américas, pois tanto elas como ele próprio foram vítimas dos abusos empreendidos pela Espanha contra a grandiosidade do continente e seus habitantes. A visão maniqueísta apresentada nas obras servandinas, e em especial nas *Memorias*, faz parte do objetivo empreendido pelo sacerdote de realizar um trabalho

de enraizamento de uma nova representação dos espanhóis, com a meta de integrá-la numa rede de significações e valores sociais apta a dar coerência ao universo *criollo*, que surgia como força preponderante. Daí a importância de se identificar um outro elemento ou grupo social para, em seguida, demonizá-lo e rejeitá-lo como condição essencial para dar a si próprio uma nova razão de ser, um valor social.

A noção de identidade surgiria, portanto, como uma construção social, que condiciona os indivíduos a selecionarem o seu passado, estabelecendo-se escolhas que definiriam não apenas o caráter daqueles a que se quer diferenciar, como também, concomitantemente, se moldaria o próprio sistema de crenças e valores aptos a oferecer a tal grupo um vínculo social e um sentido de unidade e de pertença. O passado era modelado de maneira que correspondesse a uma nova construção cultural, social e política que se fizesse digno da pátria que se forjava. Nesse sentido, as lutas em torno do processo de elaboração da identidade mexicana fizeram com que se manipulassem as imagens de crença, no caso de frei Servando e do México a de Nossa Senhora de Guadalupe, de maneira estratégica atribuindo-lhe uma conotação política, de modo que fosse estabelecido um tipo de consenso e cujo sentido se projetava em direção ao esplendor de um tempo futuro, sendo seus sinais encontrados num passado não menos glorioso.

Cabe pôr em relevo que a diferença cultural entre espanhóis e americanos é experienciada por Mier na própria carne, pois se tornou vítima não apenas de discriminação cultural, como também da desvalorização intelectual, sendo seus títulos anulados e sua escrita proibida. O conjunto entendido por *Memorias* está pronto, portanto, a servir de estandarte ao soerguimento da identidade americana em detrimento dos anos de dominação espanhola. Dessa maneira, pode-se compreender melhor o vínculo estabelecido entre identidade e memória como ligados ao sentimento de pertença, ao se buscar no passado elementos para a legitimação de uma identidade coletiva. Por ser seletiva, a memória elaborada pela geração insurgente foi aquela apta a ligar o passado ao futuro por meio de um fio teleológico, em que se deu suporte à identidade em formação ao se rememorar somente os aspectos gloriosos que surgiam como sinais pretéritos de uma pátria há muito destinada a figurar entre as grandes nações do mundo. Portanto, é possível afirmar que a memória histórica empreendida por Mier de confissão individual passa a atingir dimensão coletiva, pois embora de caráter pessoal, ela estaria apoiada em referenciais coletivos que atribuem sentidos à sociedade a que se destina.

Observando-se mais especificamente o papel da memória, é preciso fazer conhecer que, embora história e memória tenham o passado por mesmo substrato, haveria diferenças substanciais na maneira como ele é interpretado. No entendimento de Júlio Pimentel Pinto, a narrativa memorialista reincorpora aos tempos pretéritos manifestações subjetivas, assumindo

dimensões psicológicas e íntimas, numa relação pessoal com os tempos idos (PINTO, 2001, p.295-298). A memória não se vincularia estreitamente à experiência vivida, ela poderia carregar consigo elementos de criação e ficção, escapando do rigor da historiografia em relatar o passado assim como ele aconteceu. Todavia, a memória não se sujeitaria por completo à imaginação, ela estaria circundada por bordas que possam lhe conferir certo grau de realidade dando coerência e significado aos indivíduos a quem sua leitura se destina.

Da leitura de *Memorias* tem-se a sensação de se circular por um universo onde realidade e ficção se imiscuíram de maneira indelével, pois ainda que os fatos atribuídos a Mier e os cenários pelos quais o frei se movimentou possam muitos deles ter balizamento histórico, a maneira como são apresentados dão margem a questionamentos que desacreditam o grau de veracidade contido em cada passagem. Escrito em tom laudatório de seus próprios feitos, o mexicano em tal conjunto de documentos utiliza lentes de aumento que agigantam sua perseguição e sua importância nos lugares que passou e com as pessoas com quem conviveu. *Memorias* bem poderia ser entendida como uma epopéia em que frei Servando surge como herói coletivo, sacralizando suas origens, reinventando suas ações a fim de se firmar como um autêntico libertador americano cujas glórias e bravuras deveriam ser comemoradas com louvor e repetidamente.

Dessa feita, a querela com as autoridades novo-hispanas adquire tonalidade de martírio sagrado, razão pela qual marcava as datas principais de sua perseguição de acordo com os dias santos, sendo o próprio Mier tão puro e injustiçado como Cristo. Era perseguido tanto no México quanto na Espanha por sua grande fama de orador e por seu brilho americano, sendo por isso reconhecido por todas as autoridades em ambos os lados do Atlântico, que a todo o momento continuavam em seu encalço com espíões, vigias, intimações e requisitórias e nunca teriam soltado as rédeas de sua perseguição. Contrariando seu caráter dócil e ingênuo, Mier fugia seguindo os conselhos de Jesus. Suas fugas tinham caráter fantástico, pois não lhe era inconcebível a idéia de escapar com um guarda-chuva, descer de uma torre alta sem cordas ou destruir uma parede com um prego. Seus disfarces eram tão perfeitos que chegavam a ponto de mascarar sua boa aparência e transformá-lo num homem feio e taciturno, ao mesmo tempo em que as mulheres camponesas ofereciam-se de bom grado para ajudar um padre em fuga.

A chegada de Mier ao velho mundo colocá-lo-ia em uma situação especial, a de estrangeiro proveniente do Novo Mundo, realizando aquilo que Enderle compreende por crônica inversa, isto é, a descrição de um americano do universo da metrópole. Entendendo-se as narrativas de viagem como um processo de transculturação, assumindo o ato de descrever um papel de construção de conhecimentos, imaginários e representações, cabe observar em

Memórias a aplicação do conceito de geografia imaginativa, cunhado por Edward Said, em que entidades geográficas seriam historicamente construídas, acumulando ampla gama de significado, associações e conotações as quais não necessariamente se referiam ao lugar real, mas ao significado que rodeava a palavra (SAID, 2001, p.25). Esse tipo de entendimento também pode ser adaptado para as narrativas de frei Servando, pois o mexicano faz largo uso da geografia imaginativa ao buscar reunir palavras, imagens, símbolos e idéias apropriadas com o intuito de ajudar a moldar não apenas uma nova visão da Europa, agora vista como um lugar enfermo, degenerado e em ampla decadência, como também de indiretamente revelar a atmosfera paradisíaca e promissora das terras americanas, ainda que, todavia dominadas pela Espanha. Mier realiza algo típico à literatura de viagem desse período que é a associação de valores morais com características climáticas, como, por exemplo, o mau cheiro de Roma e seu calor excessivo serem articulados à idéia de perfídia e esperteza dos italianos; já na Espanha as estações serem seguidas por morte e viroses sendo os espanhóis descritos como orgulhosos, grosseiros e violentos.

A narrativa de viagem seria uma importante etapa no processo de viajar. No entanto, não se pode cobrar de frei Servando um relato científico como o empreendido por Humboldt, por exemplo. Embora o mexicano acredite ter empreendido esforços para descrever os lugares que percorreu com imparcialidade, sua narração é permeada por paixões e repulsas, exageros e deformações que expressavam as angústias de um americano exposto à peculiaridade do Velho Mundo. Frei Servando ao se chocar com o que descobria acerca da realidade do que se entendia por mundo civilizado, escrevia com a intenção de denunciar a ignorância, corrupção e miséria da cultura imposta, detonando uma amarga decepção com o universo que lhe surgia diante dos olhos.

O esforço de frei Servando dar-se-ia no sentido de contribuir para a construção de uma identidade forçosamente distinta da espanhola, na qual a incorporação da interpretação dos símbolos pré-colombianos surgiria como estratégia para a construção de um caráter eminentemente antiespanhol. *Memórias* surge como um embrião da autêntica expressão americana, em que o uso da primeira pessoa do singular é fator bastante significativo por especificar o ponto de origem da fala emanada, ou seja, por fazer ressoar a voz americana. Apresenta cenários, ações e personagens que fazem lembrar a literatura cavalheiresca a não ser pelo fato de o protagonista ser um intelectual americano que anseia pelo reconhecimento do seu lugar de fala e pela tomada de consciência gerada pelo sentimento de pertença por parte de seus conterrâneos. O fato de se vangloriar de seus feitos, chegando até mesmo a inventá-los, vincula-se ao desejo de encontrar lugar de respeito entre os grandes intelectuais europeus, a fim de

enaltecer, também assim, sua terra natal. Mier era o selvagem ilustrado transplantado para terras estrangeiras, um turista acidental para quem as descobertas iriam ocorrer de forma quase que concomitante, fossem elas em nível pessoal ou intelectual, mas que era, sobretudo, alguém que permaneceria com os olhos voltados para o país natal, suas questões e grandezas, lugar ao qual destinava todos os escritos e esperanças.

REFERÊNCIAS

BARRERA ENDERLE, Victor. Artigo: La fuga como arte escritural: el grafocentrismo en las Memorias de fray Servando Teresa de Mier. In: **Revista Síncronia**, outono de 2001. Disponível em: <http://sincronia.cucsh.udg.mx/lafuga.htm>. Último acesso em 10 de julho de 2006

DOMINGUÉZ, Christopher. Artigo: Fray Servando entre los judios de Bayona. **Fractal** n. 13, abril-junho, 1999, ano 3, v.IV, p.11-40. Disponível em: <http://fractal.com.mx/F13domin.html>. Último acesso em 10 de julho de 2006.

FERREIRA, Lucia; ORRICO, Everlyn (orgs.) **Linguagem, Identidade e Memória Social: novas tendências e articulações**. Rio de Janeiro: DP& A, 2002.

JODELET, Denise (org). **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001

LEIBING, Annette *et* BENNINGHOFF-LUHL, Sibylle (orgs) **Devorando o tempo – Brasil, o país sem memória**. São Paulo: Editora Mandarim, 2001.

MARTINS, Luciana Melo. **O Rio de Janeiro dos Viajantes – o olhar Britânico (1800-1850)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

REYES, Alfonso. **Obras completas de Alfonso Reyes**. v. III. México: Fondo de Cultura Económica, 1956

TANDETER, Enrique (coord). **Historia General de America Latina IV – Procesos americanos hacia la redefinición colonial**. Paris: Ediciones Unesco/ Editorial Trotta, 2000.

TERESA DE MIER, Servando. **Memorias v. I e II**. Edição e prólogo de Antonio Castro Leal. México: Porrúa, 1946.